

**ANTROPOLOGIA E ENSINO DE  
GRADUAÇÃO:  
OBSERVAÇÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE  
CRIAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA  
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS<sup>1</sup>**

Celso Castro<sup>2</sup>  
Fundação Getúlio Vargas

A discussão sobre a opção por Ciências Sociais ou Antropologia como curso de graduação corre o risco de se tornar improdutiva caso a ênfase seja posta numa discussão geral sobre os *conteúdos* dos cursos. Creio ser mais interessante pensar, em cada caso particular, na natureza das *fronteiras* disciplinares – que podem servir tanto para separar quanto para aproximar diferentes tradições intelectuais. A melhor opção parece-me ser a de defender a diversidade de modelos e propostas, e não um modelo geral de curso, supostamente válido para todas as situações.

Sobre o argumento de que, numa graduação completa em Antropologia, o estudante ganhará maior identidade com a disciplina e uma melhor formação específica, gostaria de fazer alguns comentários. É verdade que o aluno se identificará como antropólogo já na graduação, e não, como atualmente ocorre, somente na pós-graduação. Além disso, ele terá uma carga maior de disciplinas específicas de Antropologia ao longo do curso. Esse duplo processo, aliás, não é novo. Ele segue a tendência histórica à especialização que afetou todas as disciplinas.

---

<sup>1</sup> Texto referente à apresentação oral feita na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, como expositor no Simpósio Especial “Ensino de Antropologia na graduação: Ciências Sociais ou Antropologia?”, Goiânia, 14/6/2006.

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ), pesquisador e atual diretor do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

Não se trata, no entanto, de uma inevitabilidade histórica, e tenho dúvidas sobre ser boa a opção pela graduação em Antropologia. Em algumas situações específicas, como assinalarei mais adiante, pode sê-lo. Em geral, todavia, o duplo risco de se perder a perspectiva de uma Ciência Social mais abrangente na formação dos alunos e de se fomentar uma profissionalização precoce pode redundar em resultados bastante negativos.

O rompimento da tradicional convivência, num mesmo curso, de três tradições das Ciências Sociais – a Antropologia, a Ciência Política e a Sociologia – pode ter o efeito de trazer a mesma questão segmentar para o interior de uma graduação em Antropologia. Ou seja, é possível que em seguida surja uma discussão sobre a divisão entre diferentes cursos de Antropologia, voltados para “campos” diferentes. Isso, aliás, já ocorre em países como os Estados Unidos, onde, por exemplo, setores da Antropologia Biológica lutam pela criação de cursos independentes.

Além disso, no atual mundo acadêmico, dificilmente um graduado terá alguma chance de boa inserção profissional como antropólogo. Há quase que uma exigência de que ele venha a cursar uma pós-graduação, até obter o título de doutor. Neste caso, por que não uma formação mais abrangente na graduação, mantendo-se a especialização para a pós-graduação?

Como disse anteriormente, creio, no entanto, que essa discussão não é produtiva em termos abstratos. É importante, a meu ver, pensar nos *contextos institucionais específicos* nos quais a discussão se coloca. O ponto-chave a ser levado em consideração talvez seja o grau de tensão e rigidez internas aos departamentos das Ciências Humanas, em geral, e entre as “três disciplinas” das Ciências Sociais, em particular. Dificuldades burocráticas e acadêmicas presentes em graduações de Ciências Sociais já antigas, principalmente nas universidades públicas, podem levar a situações de impasse na renovação dos currículos ou das ementas que tornem a opção pela segmentação mais atraente. Neste caso, as fronteiras disciplinares entre as “três disciplinas” das Ciências Sociais tornaram-se barreiras que só podem ser superadas com a “independência” da Antropologia na graduação.

Em instituições nas quais, ao contrário, o relacionamento entre diferentes departamentos é bom e os espaços de encontro e as possibilidades de mudança e inovação estão razoavelmente preservados, parece-me melhor a opção por manter uma graduação em Ciências Sociais.

No caso específico da Fundação Getúlio Vargas, quando foi tomada a decisão de se criar um curso de graduação em Ciências Sociais, iniciado neste primeiro semestre de 2006, a natureza da instituição mantenedora e, dentro dela, da unidade que criou o curso, foi decisiva. O Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil (CPDOC), unidade que criou o curso, é amplamente reconhecido como uma unidade essencialmente *interdisciplinar* e *multidisciplinar*, com um corpo de professores e pesquisadores formados em Ciências Sociais, História e outras disciplinas das Ciências Humanas.<sup>3</sup> Criado em 1973, ao longo de mais de três décadas a rotina cotidiana das atividades de pesquisa e documentação foi de convivência íntima – mais: de indistinção – entre o que é apanágio de uma e de outra disciplina.

Procuramos manter essa característica, central para a nossa identidade institucional, no novo curso criado.<sup>4</sup> A inexistência de “departamentos” disciplinares foi fator que deu total liberdade para a formulação da nossa proposta. Com isso, pudemos investir mais em inovações. Estas estão menos na forma do curso – embora haja algumas – do que na dinâmica efetiva do seu funcionamento. Estamos conseguindo, por exemplo, manter uma boa articulação entre os professores e as disciplinas de cada período letivo, evitando que a experiência do aluno seja estanque. Além disso, temos uma forte ênfase em atividades extra-curriculares e na convivência entre alunos e professores de diferentes disciplinas, em espaços de discussão e laboratórios de pesquisa – como, por exemplo, na proposta agraciada, neste encontro da ABA, com o prêmio ABA-FORD

---

<sup>3</sup> Ver, p. ex., o texto de Gilberto Velho, “O lugar da interdisciplinaridade”, em *CPDOC-30 anos*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2003, p. 13-19 (disponível no Portal CPDOC, <http://www.cpdoc.fgv.br>).

<sup>4</sup> O quadro de disciplinas e outras informações sobre o curso podem ser obtidos no Portal CPDOC.

de inovação no ensino de Antropologia. Intitulada “Antropologia e documentário: da sala ao campo”, o objetivo da experiência é associar o ensino da primeira disciplina de Antropologia do recém-criado curso de graduação à inserção dos alunos no Núcleo de Audiovisual e Documentário a ser criado junto com o início das aulas no segundo semestre.

Para finalizar, creio ser importante enfatizar que o mais importante, para além das opções tomadas em cada caso, é manter um vínculo íntimo e dinâmico entre “teoria” e “pesquisa”. Esse deve ser o nosso objetivo maior.